

UM BRASILEIRO EM TERRAS IORUBAS

Israel Valente¹

As formas de resistências que os seres humanos desenvolvem são imemoriais. Entretanto, a própria ação de oferecer, as forças exógenas ao nosso meio são muitas vezes sutis e demandam alguma “preparação”, para que os não iniciados compreendam o que está lá explícito, a resistência.

Ler estas palavras não escritas, mas muitas vezes implícitas, requer, primeiro a vontade de saber, pois já se busca uma resposta não tão óbvia. Contudo, ocorre, muitas vezes, outro problema na tentativa de “ver” a resistência. Por estar tão obviamente exposta, já não é notada; por ser tão grande, já não se pode ver pois está em todos os lados, em todas as direções, nos perfurando.

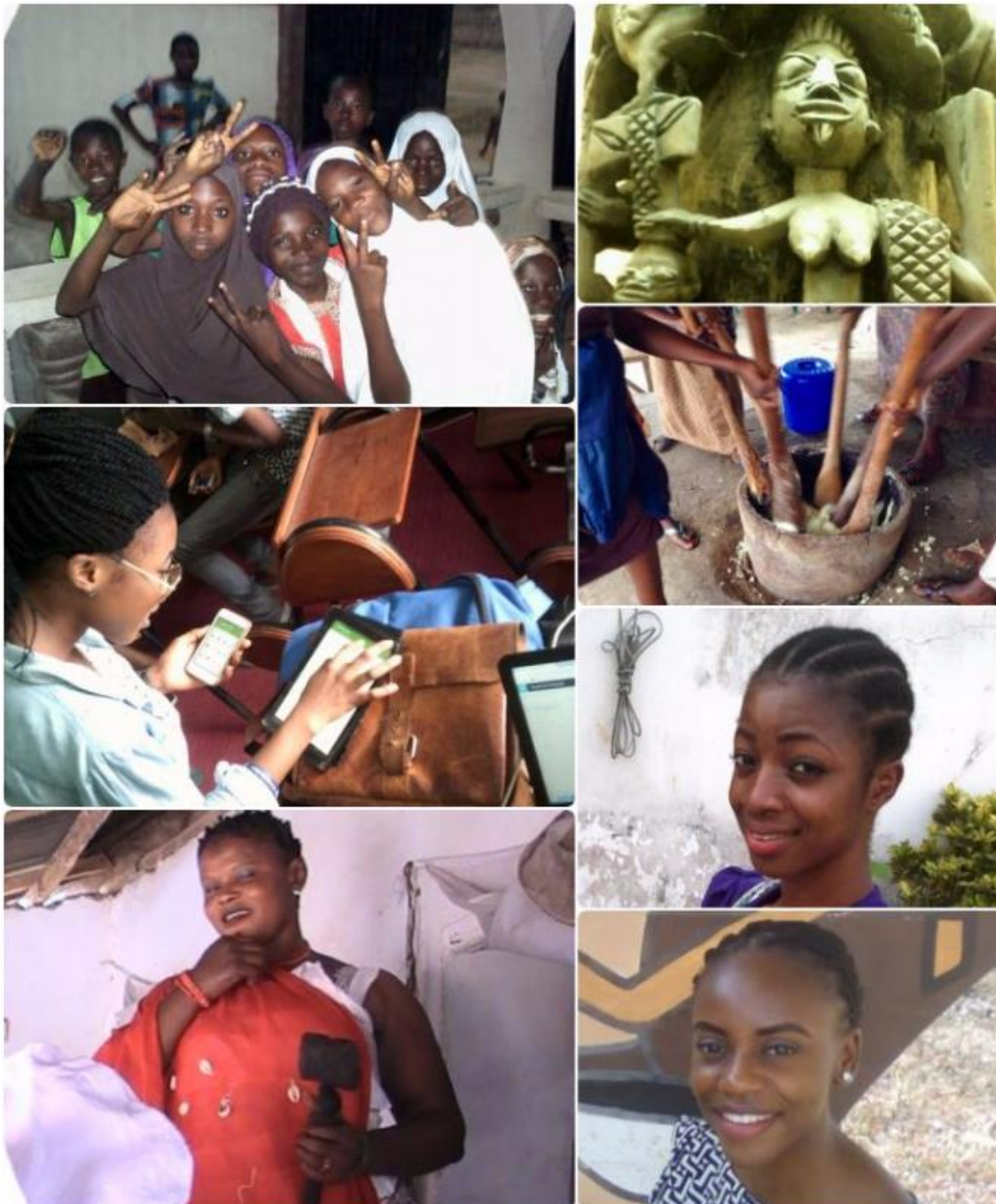
Como fruto de uma viagem, estas colagens foram feitas durante um período de viagem de investigação na Nigéria. Tento reler imagens repletas de significados que mostram as diferentes facetas das formas de resistir a um mundo que muitas vezes nos impõe normas culturais, religiosas e econômicas desiguais ou simplesmente forasteiras.

Dentro das leituras possíveis, a primeira colagem mostra mulheres. Todas elas empoderadas em momentos que a câmera pôde captar. Entretanto, mais que concretizar o momento eternizado das fotos, o importante foi sentir e ser testemunha da força de uma postura, do orgulho de suas crenças e saberes, técnicas e artes que exercem.

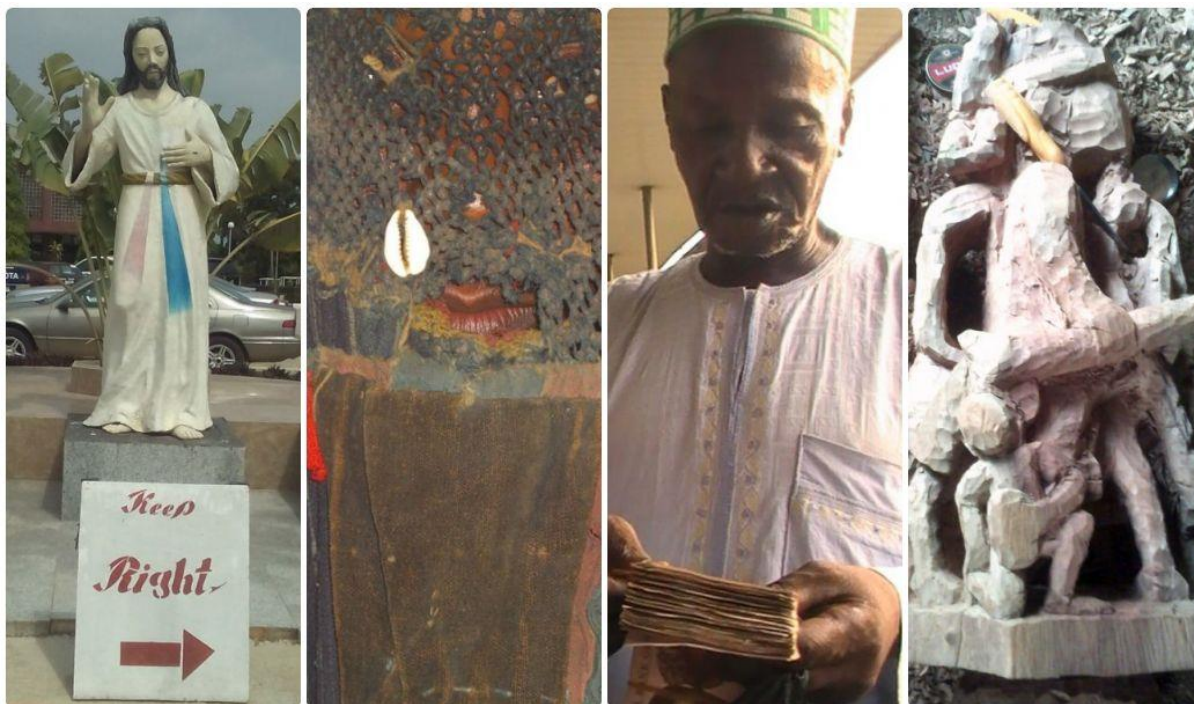
A força dos olhares e de seus gestuais mostram que a resistência está lá. Seja no manto sobre a cabeça das meninas mulçumanas, sem peso ou culpa com seus Vs de Vitoria, em um véu vermelho adornados de búzios e na forma de empunhar o Oxe (machado talhado em madeira) da Yalorixá de Xangô, nas mãos pilando o alimento coletivo, nas telas dos computadores e smartphones. A força é mostrada como orgulho de quem detêm e usa o poder sem nem um receio, medo ou culpa.

¹ Israel Valente é doutorando brasileiro residente em Berlin, vinculado ao Departamento de Antropologia Cultural, História da América e África da Universidade de Barcelona

A tenacidade está lá, em cada olhar, em cada toque. Nos sorrisos da artesã (Abimbola estudante de artes de Ile-ife) e da poetisa (Adedoyn tradutora e escritora). O vigor está entalhado em Madeira em um Atabaque secular, mostrando a guerreira de seios fartos e pronta para a LUTA (Ilu, instrumento cerimonial, acervo do museu de Ile-ife).



Fotos realizadas em: Oyo, Osun , Keto, Ile ife - Nigéria.



Fotos realizadas em: Ile-ife, Lagos - Nigéria

Sem dúvida é no campo religioso que a pertinência e tenacidade da resistência mais demonstra seus simulacros. É lá onde os códigos de decifragem podem e devem se tornar mais complexos e sutis para uma aproximação do que se deseja mostrar e ao mesmo tempo esconder.

Forma maior da cristandade, o cristo abre os caminhos mas vai respaldado com o Orixá Xangô que nas tradições afro-latinas, que possuem em uma de suas associações a bananeira. A seu lado, os olhos dos Eguns, espíritos que, por terem realizados grandes feitos, são reverenciados e, de volta a terra, recordam suas histórias de lutas e feitos relevantes. Um ancião muçulmano Hausa, grupo étnico-linguístico, historicamente relacionado com as tratadas comerciais, mantém a predileção do povo frente as instituições bancárias “oficiais”. Na última gravura, vemos um trabalho ainda não finalizado, formas precisas de crenças milenares impossíveis de serem definidas. Ser é processo.

Nas representações fotográficas vemos elementos sobrepostos, desfocados para uma narrativa de mundo cada vez mais parecida. Resiste e se afirma uma sociedade pluriétnica e religiosa extremamente complexa como a Nigeriana.